

Argumentação polêmica: política, mídia e religião na campanha presidencial de 2018 no Brasil

Controversial argumentation: politics, media and religion in the 2018 presidential campaign in Brazil

Antonio Carlos Soares¹

Fátima Cristina da Costa Pessoa²

Resumo: Neste artigo, objetiva-se, inicialmente, apresentar uma discussão em torno de dois conceitos, cuja intersecção permite refletir sobre a caracterização da prática discursiva sob análise: o conceito de polêmica e o conceito de argumentação, com base nos postulados de Dominique Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010, 2016) e de Ruth Amossy (2017, 2018). A seguir, passa-se à análise de como polêmica e argumentação se articulam ao funcionamento discursivo das formações discursivas e às suas identidades. Por fim, propõe-se aprofundar o entendimento da relação entre a argumentação polêmica e o espetáculo, segundo postula Guy Debord (1997). A análise se dá a partir da materialidade de dois vídeos da coligação partidária “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – composta pelo Partido Social Liberal (PSL) e pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) –, que lançou Jair Messias Bolsonaro candidato à Presidência da República Federativa do Brasil, em 2018.

Palavras-chave: Polêmica; argumentação; cena de enunciação; espetáculo.

Abstract: In this article, the objective is, initially, to present a discussion around two concepts, whose intersection allows us to reflect on the characterization of the discursive practice under analysis: the concept of polemics and the concept of argumentation, based on the postulates of Dominique Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010, 2016) and Ruth Amossy (2017, 2018). Next, the analysis of how polemics and argumentation are articulated with the discursive functioning of discursive formations and their identities. Finally, it is proposed to deepen the understanding of the relationship between polemical argumentation and the spectacle, as postulated by Guy Debord (1997). The analysis is based on the materiality of two videos from the party coalition Brazil above everything, God above all – composed by the Liberal Social Party (PSL) and by the Brazilian Labor Renewal Party (PRTB) –, which launched Jair Messias Bolsonaro as a candidate for the Presidency of the Federative Republic of Brazil in 2018.

Keywords: Polemics; argumentation; enunciation scene; spectacle.

Introdução

A campanha política do candidato da coligação partidária Brasil acima de tudo, Deus acima de todos – composta pelo Partido Social Liberal (PSL) e pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) –, Jair Messias Bolsonaro, em 2018, à

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0025261401268256>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8474-8432>. E-mail: pantoni32@yahoo.com.br

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente da Universidade Federal do Pará – UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4011084861970140>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-9967-9708>. E-mail: fpessoa@ufpa.br

Presidência da República Federativa do Brasil materializou uma prática discursiva fortemente midiaticizada e espetacular³, como, de regra, têm sido as campanhas eleitorais na contemporaneidade. Em especial, pretendemos investigar, nessa campanha em particular, uma importante fusão entre os campos político, midiático e religioso. Uma fusão que denominamos de discursivo-espetacular. Nessa tríade, o discurso religioso é o elemento diferenciado, já que seu estatuto, frente aos discursos político e midiático, implica, segundo Maingueneau (2006a), uma maneira específica de se inscrever no interdiscurso, de fazer emergir seus enunciados e de fazê-los circular. Isso se deve em razão de o autor categorizá-lo como um discurso constituinte. Pela pretensão de um discurso constituinte apresentar-se como fonte de autoridade para si e para outros campos discursivos, interessa-nos compreender como, então, funda uma campanha eleitoral caracterizada pela intensiva inscrição das tecnologias digitais e fortemente mediada por imagens (DEBORD, 1997, p. 14).

Na busca pelo entendimento dessas relações sociodiscursivas, neste artigo apresentamos uma discussão inicial em torno de dois conceitos, cuja intersecção nos permite refletir sobre a caracterização da prática discursiva eleitoral sob análise: o conceito de polêmica e o conceito de argumentação, com base nos postulados de Dominique Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2016) e de Ruth Amossy (2017, 2018). A justificativa pela eleição desses dois conceitos para uma discussão inicial em torno do objeto da pesquisa em curso se relaciona à análise preliminar das unidades tópicas (MAINGUENEAU, 2015) recortadas para o acesso ao material produzido para a campanha eleitoral: os vídeos produzidos para o segundo turno da campanha eleitoral e veiculados nos horários eleitorais gratuitos na TV aberta, também disponibilizados em plataformas de vídeo na internet⁴. Os textos selecionados são o primeiro e o último programas televisivos da campanha de segundo turno. O primeiro programa, o da abertura do segundo turno da campanha, foi exibido em 12.10.2018, e o segundo programa, o do encerramento da campanha eleitoral, foi veiculado em 26.10.2018. Ao longo do artigo, eles serão referenciados como vídeo 1 e vídeo 2, respectivamente.

Posteriormente à discussão sobre os conceitos de polêmica e argumentação, apontaremos as possibilidades de leitura dos textos sob a perspectiva de uma

³ Utiliza-se o conceito de midiaticização conforme proposto por Santi e Baptaglin (2018) e o conceito de espetáculo conforme proposto por Guy Debord (1997).

⁴ Vídeo 1 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2URPjcmGn30>

Vídeo 2 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YrLHb1z-5To>

abordagem enunciativo-discursiva. Pretendemos compreender, inicialmente, como se configura a cena de enunciação implicada na prática discursiva eleitoral em curso nessas unidades tópicas. Defendemos a tese de que a compreensão das regularidades da cena enunciativa implicada nessa campanha conduzirá ao entendimento do caráter discursivo-espetacular na fusão entre os campos político, midiático e religioso.

Polêmica: para além de um confronto de posicionamentos

O conceito de polêmica compõe o quadro teórico proposto por Dominique Maingueneau (1997, 2008, 2010) como parte da rede de relações semânticas restritivas que regulam o interdiscurso. Isso implica necessariamente que a polêmica não deve ser considerada como externa ao discurso ou mesmo como algo incidental. Bem ao contrário, ela se inscreve no funcionamento do discurso, assim como os demais planos discursivos, atrelada à constituição das formações discursivas (FD).

Desse modo, na base da identidade de cada discurso, a partir do sistema que o regula, é instaurado um processo de polêmica, ou seja, de interincompreensão generalizada no qual os enunciados do Outro são sempre interpretados e acomodados à ordem do Mesmo. Entra em execução, então, um procedimento de tradução de discursos em que se confrontam enunciados dissonantes e se conformam a enunciados pertencentes à outra matriz enunciativa, revelando a dissimetria existente entre as FD. O simulacro, ou seja, a impossibilidade de perceber os outros discursos a não ser por meio do seu próprio sistema de restrições, é constitutivo das relações interdiscursivas que se tecem em relações de alianças, de antagonismos, de indiferenças, sempre à luz das reduções que implicam os simulacros.

O autor destaca que a polêmica como interincompreensão no espaço interdiscursivo não advém de mal-entendidos languageiros, antes “é um mecanismo necessário e regular, ligado à constituição de formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 2008, p. 101). Dessa maneira, em uma dada prática discursiva, por meio do estudo da polêmica, ou de qualquer outro aspecto do funcionamento discursivo, é possível constatar as relações entre discursos no decorrer da história. É por isso que, embora aspectos da relação polêmica possam vir de forma explícita,

como uma paráfrase ou citação, nem sempre ela vem acompanhada desse tipo de evidência, dado seu caráter constitutivo.

Como cada FD define, além do seu próprio universo de sentido, o seu modo de interação com os outros discursos, é por meio do sistema de restrições semânticas global que os discursos imprimirão especificidade no exercício da polêmica; por conseguinte, haverá, na multiplicidade de discursos, uma variedade de manifestações do polêmico.

Para o autor, “polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável” (MAINGUENEAU, 2008, p. 110). Para colocar o outro na condição infrator é preciso, portanto, assumir como base um dado conjunto de pressuposições comuns e um código que transcende os discursos antagônicos, que serviria como figura de árbitro.

Associando o conceito de polêmica ao conceito de registro, isto é, às unidades transversais que não se podem circunscrever em um gênero ou tipo de discurso, Maingueneau (2010) afirma estar o polêmico ligado ao registro do tipo comunicacional e que pode ser abordado em três dimensões, a saber, a enunciativo-pragmática, a sociogenérica e a semântica.

A dimensão enunciativo-pragmática indica que se pode “colocar ênfase não somente nas marcas enunciativas, mas também na força ilocucional da enunciação, no interior de certa *encenação* da atividade discursiva” (MAINGUENEAU, 2010, p. 190, grifo do autor). Ela aponta a definição de invariantes e repertório de estratégias, “cuja convergência produz a ‘agressividade’, a ‘veemência’, consideradas características do polêmico” (MAINGUENEAU, 2010, p. 191). Sob a dimensão sociogenérica está a compreensão de que “cada texto polêmico implica um quadro comunicacional, um gênero ligado a um suporte e lugares de difusão que lhe prescreve um modo de existência” (MAINGUENEAU, 2010, p. 193). A dimensão semântica, por sua vez, recupera o caráter constitutivo das relações interdiscursivas que, ao mesmo tempo, pressupõem e constroem os conflitos, base sobre a qual as duas primeiras dimensões se materializam.

Conforme o autor, o enunciado polêmico, de modo indissociável, é apreendido nessas dimensões:

Ele implica um dispositivo de interação que se traduz por estratégias de integração/desqualificação do adversário, que deixam muitos traços no enunciado;

Ele decorre de uma prática discursiva historicamente ligada a determinada conjuntura, de certa configuração do interdiscurso, de certo regime de produção e de circulação dos enunciados;

Ele põe em jogo sua própria identidade, ao mesmo tempo pressuposta e construída por cada uma das enunciações que pretendem ser sustentadas a partir dela. (MAINGUENEAU, 2010, p. 196).

Considerando-se que, em relação ao objeto que se investiga nesta pesquisa, a dimensão enunciativo-pragmática do polêmico implica uma cena enunciativa na qual se constitui uma disputa aberta no campo político e a dimensão semântica do polêmico se constitui em torno de relações de aliança e antagonismos entre FD, compreender as manifestações do polêmico nessa cena enunciativa requer ênfase ao plano dos modos de enunciação. É por essa razão que a polêmica passa a ser discutida também com base nos postulados de Amossy (2017), especificamente em relação aos processos argumentativos mobilizados na enunciação.

Para Amossy (2017, p. 232) a natureza da polêmica gira em torno do embate, fazendo-se “necessário que as respostas antagônicas sejam apresentadas como duas opções antitéticas que se excluem mutuamente”. Na relação dialógica, a polêmica, segundo Amossy (2017), apresenta-se sob a forma de anti-discurso e é marcada pela dicotomização, pela polarização e pelo descrédito à tese ou à pessoa do outro.

Com objetivo de desqualificar o discurso do outro, conforme Amossy (2017, p. 231), “a polêmica recorre a um conjunto de procedimentos discursivos e retóricos: a negação, os jogos sistemáticos de oposição, a marcação axiológica [...], a reformulação, o manejo direcionado do discurso relatado, a ironia, a hipérbole etc.”.

Amossy (2017) faz uma espécie de defesa da polêmica ao indicar que esse fenômeno preenche determinadas funções sociodiscursivas, nem sempre visíveis, mas forçosas. Uma dessas funções é persuadir aqueles que pensam do mesmo modo, é reforçar uma identidade de grupo e uma adesão a um universo de valores comuns. Acerca dessa função identitária, a autora afirma:

Quanto mais a adesão a uma determinada tese é constitutiva de uma identidade compartilhada, mais o indivíduo tenderá a apegar-se a ela: a maneira pela qual percebe a si mesmo, a maneira pela qual os outros

o veem e a medida em que participa fortemente de uma comunidade, é que estão em jogo. Encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo. (AMOSSY, 2017, p. 233).

As subseções seguintes, nesse emaranhado entre FD, argumentação e cena de enunciação, serão dedicadas a refletir mais detalhadamente sobre esses aspectos que se integram à abordagem discursiva em curso, gerando deslocamentos em todos os polos do triângulo: os campos político, midiático e religioso.

Argumentação: para além de uma estratégia retórica

Ruth Amossy (2018) tem abordado a argumentação numa perspectiva que procura integrar aspectos da retórica de Aristóteles e da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca aos postulados teóricos da Análise do Discurso (AD). Ao dissertar sobre argumentação, a autora utiliza duas expressões recorrentes e intercambiáveis: “argumentação no discurso” e “análise argumentativa”, as quais considera como um ramo da AD “na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções” (AMOSSY, 2018, p. 11), de forma que, para a autora, não há separação ou contradição entre análise argumentativa e AD.

Em relação à retórica clássica, afirma que a força da palavra é exercida nas trocas verbais por meio das quais os homens podem levar seus pares a compartilhar de suas perspectivas com base no que lhes parece admissível de crer e fazer. Isso explicaria a centralidade da noção de lugar comum ou *topos*, sobre o qual o discurso deve se apoiar. Também destaca que na retórica clássica já se pontuava a necessidade de os interlocutores compartilharem a mesma bagagem cultural:

O orador tenta influenciar as escolhas e desencadear uma ação ou, pelo menos, criar uma disposição para a ação suscetível de se manifestar no momento oportuno. Isso só pode ser feito se ele levar em consideração crenças, valores, opiniões daqueles que o escutam. Isso quer dizer que ele deve ter conhecimento das "opiniões dominantes" e "convicções incontestáveis" que fazem parte da bagagem cultural de seus interlocutores. (AMOSSY, 2018, p. 21).

Partindo dessas considerações, a autora afirma que “essa perspectiva rompe com a concepção da argumentação como desdobramento de um raciocínio lógico fora de toda relação interpessoal” (AMOSSY, 2018, p. 21) e percebe na retórica procedimentos que são o embrião do que chama de análise argumentativa.

A nova retórica, conforme a autora, também legou contribuições ao estudo da argumentação do/no discurso, oferecendo-lhe um quadro essencial. Para Amossy (2018), na retórica de Perelman, a argumentação não se apresenta como um raciocínio dedutivo que se desenvolva no campo do raciocínio puramente lógico, fora de toda interferência do sujeito. Antes, afirma que a interinfluência existente entre o orador e o seu auditório é um dos princípios fundamentais da nova retórica.

Amossy retoma Grize a fim de avançar na definição de argumentação como “o conjunto de estratégias discursivas de um orador A que se dirige a um ouvinte B com vistas a modificar, num determinado sentido o julgamento de B sobre uma situação S.” (GRIZE, 1997 apud AMOSSY, 2018, p. 28). Partindo dessa definição, a autora assevera que, se argumentar consiste em modificar as diversas representações que são atribuídas ao interlocutor, é preciso predispor-lo a receber, concordar e aderir.

Complementarmente, Amossy discorre sobre o que chama de teoria da argumentação no discurso:

De fato, é importante compreender, simultaneamente, como o discurso faz ver, crer e sentir, e como ele faz questionar, refletir, debater. Na prática linguageira, essas duas tendências estão intimamente ligadas e são, por vezes, indissociáveis. É por isso que a teoria da argumentação no discurso - explorando não somente a visada, mas também a dimensão argumentativa da fala - deseja cobrir um vasto inventário de discursos que ora conquistam a opinião, ora simplesmente orientam o olhar (AMOSSY, 2018, p. 11).

Com intuito de evitar as confusões, a autora diferencia a dimensão argumentativa inerente a muitos discursos, da visada argumentativa que caracteriza apenas alguns deles. Para ela, a primeira diz respeito à simples “transmissão” de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, embora contribua para que certas representações sejam reforçadas ou modificadas. A segunda, por sua vez, relaciona-se a “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (AMOSSY, 2018, p. 44).

A autora afirma também que a análise argumentativa se baseia na premissa de que definir um funcionamento discursivo é também evidenciar o modo pelo qual se tenta agir sobre o parceiro, portanto, a argumentação é dialógica e “modela os modos de ver e de pensar por meio de processos que colocam em jogo tanto a imagem que os parceiros da troca têm um do outro quanto os pré-construídos culturais (premissas, representação, topoi...) sobre os quais se funda a troca” (AMOSSY, 2018, p. 29).

Amossy (2018) afirma que para haver argumentação é necessária a condição de antagonismo ou divergência. Ou seja, a argumentação se dá quando certo posicionamento se expressa sobre um fundo de posições antagônicas, ou tão somente divergentes, com objetivo de prevalecer ou fazer-se acolher, de modo que, pelo menos, duas opções sejam previstas.

A partir das reflexões feitas, a autora propõe reformular e ampliar a definição de argumentação encontrada na nova retórica para:

os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (AMOSSY, 2018, p. 47).

Como foi possível perceber, Amossy (2018) desenvolve seus estudos sobre a argumentação procurando integrar tanto princípios da argumentação encontrados na retórica e na nova retórica quanto os princípios da interação encontrados no dialogismo.

Maingueneau (2008) também apresenta suas considerações em torno da argumentação. Sua abordagem difere da abordagem retórica, que privilegia estratégias e procedimentos:

Trata-se, então, de algo completamente diferente de um dispositivo retórico pelo qual o autor “escolheria” o procedimento mais de acordo com o que ele “quer dizer”. Introduziremos a noção de incorporação para evocar essa imbricação radical do discurso e de seu modo de enunciação. Jogando um pouco com a etimologia, faremos aparecer três dimensões complementares:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a "incorporação" pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros;

3. Essa dupla "incorporação" assegura, ela própria, a "incorporação imaginária" dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso. (MAINGEUNEAU, 2008, p. 93).

Como o excerto acima aponta, a principal diferença consiste precisamente em que, para o autor, a argumentação se dá no bojo da cena de enunciação por meio do que ele chama de incorporação. O entendimento é o de que “o discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente” (MAINGEUNEAU, 2016, p. 75).

Nessa perspectiva a argumentação é constituinte da cena de enunciação e baseia-se em representações sociais em que se apoiam o caráter e a corporalidade do fiador. É, conforme o autor, na cena de enunciação que ocorre o processo recíproco de ancoragem e validação tanto da cena quanto dos estereótipos que ela mesma contribui para reforçar ou transformar.

Com o objetivo de esclarecer o funcionamento da argumentação no processo de incorporação, Maingueneau (2016, p. 73) assevera que:

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados.

Há, então, para o autor, um laço assim estabelecido entre o corpo e a eficácia do discurso em que o destinatário “acede a uma ‘maneira de ser’ através de uma ‘maneira de dizer’” (MAINGEUNEAU, 2008, p. 94), de maneira que a argumentação se faz por meio da identificação com o posicionamento discursivo. Maingueneau (2008, p. 113) chega mesmo a insistir que “o discurso não pode convencer já que não se pode mostrar uma exterioridade entre o código de referência e as interpretações dos discursos que se fundam nele”. O convencimento do público não se dá por meio dos argumentos expressos mas “pela própria enunciação desses argumentos por tal discurso, isto é, pelo universo de sentido ao qual remete este último. Coerentemente, o discurso convence porque ia pela nossa cabeça o que já convencia mais ou menos obscuramente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 113).

Em síntese, ao refletir sobre a argumentação e os aspectos envolvidos nela, Maingueneau (2008, 2016) a situa como harmonizada ao sistema de restrições semânticas de cada discurso. Para ele, todos os elementos utilizados na argumentação não são escolhas das quais o enunciador tem total domínio. Eles surgem circunscritos ao mesmo sistema de restrições que regula tudo mais nos enunciados, como o vocabulário, as figuras a serem utilizadas e assim por diante.

Este tópico sobre argumentação faz considerar, nesta pesquisa, pelo menos duas abordagens pertinentes acerca do mesmo assunto. A primeira é a que reconhece o domínio do estratégico na argumentação. Desse lado estão os autores alinhados mais ou menos à retórica de Aristóteles que, dada a noção de auditório, procura os caminhos para definir estratégias com vistas ao convencimento do mesmo.

A segunda abordagem é a que aponta para aquilo que foge ao domínio do estratégico e permite pensar sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a certa posição discursiva. Nessa abordagem, o estratégico é tido como imerso ao mesmo sistema que regula as relações entre as formações discursivas e como integrado à cena de enunciação.

O *corpus* em lume, material de uma campanha eleitoral, projeta a busca por uma análise que leve em conta essas duas dimensões, a do forjável por meio de profissionais de um determinado campo e a do que implica a adesão a um posicionamento discursivo, uma vez que é imposto pela própria identidade discursiva.

Vista assim, a prática discursiva midiaticizada e espetacular da campanha eleitoral da coligação partidária “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” não deve ser compreendida como o produto do desenvolvimento das técnicas de difusão maciça de imagens, antes, como uma cosmovisão objetivada no meio social. Por isso, para além de compreender, na prática discursiva sob análise, a cena de enunciação em que se impõem e, ao mesmo tempo, se validam os posicionamentos discursivos que fundamentam a adoção deliberada de procedimentos argumentativos persuasivos, buscamos ainda compreender como essa cena enunciativa assume um caráter discursivo-espetacular na fusão entre os campos político, midiático e religioso.

Para este propósito, alinhamo-nos à posição de Debord sobre o conceito de espetáculo, quando afirma:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um

suplemento ao mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos - o espetáculo constitui o modelo atual de vida dominante na sociedade. (DEBORD, 1997, p. 14).

As leituras a seguir pretendem articular os desdobramentos de uma abordagem enunciativo-discursiva que, ao apontar os recursos argumentativos predominantes na composição dos textos audiovisuais produzidos para a campanha eleitoral em segundo turno, vinculam esses movimentos a posicionamentos assumidos por sujeitos na ordem de uma formação institucional e de uma FD, indiciadores da relação polêmica entre tais posicionamentos e enquanto interincompreensão generalizada na relação entre sujeitos.

Cena de enunciação: traços materiais de uma interincompreensão generalizada

Com base nas perspectivas teóricas apresentadas nas seções anteriores, serão analisados excertos dos dois programas eleitorais já mencionados. Eles são compostos pela locução de um narrador em *off*, na qual é explicitada a relação polêmica entre os projetos políticos em disputa, intercalada diversas vezes por recortes da enunciação de protagonistas da campanha, seja o candidato em disputa, seja o seu oponente, sejam representantes ou apoiadores das coligações partidárias ou ainda eleitora(e)s brasileira(o)s:

(1)

Narrador *in off* (enquanto o narrador fala, surgem vídeos/imagens da queda do muro de Berlim e, após, um vídeo de Lula no Foro de São Paulo e diversas imagens com vários atores políticos da América Latina, como Fidel Castro, Hugo Chaves, Nicolas Maduro, Evo Morales)⁵: São Paulo, julho de 1990. O mundo ainda comemorava a queda do muro de Berlim, a Europa se libertava de um marco do comunismo. Enquanto isso na América Latina, um encontro selava a criação do Foro de São Paulo, um grupo político com viés ideológico comunista de esquerda, liderado por Lula e Fidel Castro. A semente de um projeto de doutrinação e domínio político foi plantada em nossa pátria. As consequências estão sendo sentidas quase 20 anos depois. [Vídeo 1]

⁵ Destacamos entre parênteses as informações sobre o plano imagético do texto verbovisual que acrescentamos ao excerto reproduzido graficamente.

A cena englobante eleitoral que ensejou a produção, veiculação e leitura desses textos reúne uma comunidade discursiva dividida pelo alinhamento a duas coligações partidárias que disputam as eleições à Presidência da República Federativa do Brasil no ano de 2018, as quais defendem diferentes projetos políticos propostos para o país. Reconhece-se, portanto, uma relação antagonica declarada entre posicionamentos discursivos a que se alinham esses grupos no campo político. A explicitude dessa relação de antagonismo favorece o reconhecimento mais imediato de uma relação de interincompreensão generalizada na qual as relações polêmicas são exploradas em tessituras interdiscursivas complexas, evidenciadas pelos efeitos de sentido visados com o uso das técnicas que aglutinam som, imagem e palavra.

A cena de enunciação constituída nos programas de campanha eleitoral da coligação partidária Brasil acima de tudo, Deus acima de todos (composta pelo Partido Social Liberal (PSL) e pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB)) implica, de saída, a construção de um simulacro do polo oponente. A defesa da candidatura de Jair Messias Bolsonaro para a Presidência da República se constitui de maneira predominante, nesses programas eleitorais, pela desqualificação da candidatura concorrente e daqueles que se alinham a ela. Essa desqualificação tem a ver com temas como o comunismo, a corrupção, os valores antidemocráticos.

Na materialidade enunciativa há indícios do modo como é operada a constituição dos simulacros do opositor. O tema do comunismo é sempre abordado por meio de um vocabulário que o recusa peremptoriamente: “viés ideológico”, “projeto de doutrinação”; “domínio político”. A reunião de figuras simbólicas diversas, como as referências ao muro de Berlim, ao Foro de São Paulo, a Fidel Castro, Hugo Chaves, Evo Morales e a países como Cuba e Venezuela também atuam no plano imagético para reiterar o simulacro de um posicionamento político vinculado ao comunismo, que aliás é um tema abordado como simulacro reiteradamente nas práticas políticas do Estado brasileiro⁶.

⁶ Silva (2017, p. 62), ao investigar o modo como o processo político que resulta na abolição do regime escravocrata no Brasil é produzido na imprensa brasileira do século XIX, afirma que “nenhum espantinho seria mais evocado no Brasil, diante de qualquer tentativa de avanço social, do que o do comunismo. Quantas vezes os brasileiros seriam assustados com a ameaça vermelha? Quem poderia imaginar que, já nas lutas em torno da abolição da escravatura, o fantasma comunista fosse agitado, como seria em 1954 e em 1964, para tentar frear o ímpeto dos progressistas ou as aspirações da população? Quem poderia imaginar que até a dom Pedro II um escritor e político famoso como José de Alencar citaria o espectro vermelho?!”. Esse comentário segue à reprodução de um trecho de José de Alencar nos escritos “Ao Imperador, novas cartas políticas de Erasmo”, de 1867, que aqui também reproduzimos: “Tolerado semelhante fanatismo do progresso, nenhum princípio social fica isento de

Na continuidade do texto, as afirmações categóricas sobre Cuba e Venezuela, o recurso às metáforas e às comparações alimentam o medo como afeto político (SAFATLE, 2018) em relação à candidatura oponente:

(2)

Narrador *in off* (Imagens de Cuba e Venezuela, a seguir, de Lula, Dilma e Haddad juntos quando seus nomes são pronunciados, e, posteriormente, imagens de José Dirceu e Antonio Palocci quando foram detidos): Cuba é o país mais atrasado do mundo. A Venezuela está devastada. O Brasil, governado pelo PT durante 13 anos, está em sua maior crise ética, moral e financeira da história. Estamos à beira de um abismo. A corrupção é uma chaga, a violência assusta as nossas famílias e o desemprego tira a esperança de milhões de brasileiros como na Venezuela, tão admirada por Lula, Dilma e Haddad. Fizeram de Brasília um balcão de negócios, e muitos deles já estão presos, mas o vermelho jamais foi a cor da esperança. O vermelho é um sinal de alerta para o que não queremos para este país. [Vídeo 1]

Todos esses recursos argumentativos são reunidos em um texto verbovisual produzido em ritmo ágil para atender às restrições de tempo impostas pela legislação eleitoral, característica da cena genérica em que se produz, circula e se consome o texto e que também contribui para gerar o efeito de sentido ameaçador da candidatura oponente, uma vez que se faz crer que é tamanho o volume de informações a serem reveladas sobre o outro ao mesmo tempo em que são apresentadas sem nenhum aprofundamento que permita a reflexão sobre sua veracidade ou sua plausibilidade.

As breves enunciações de protagonistas da cena englobante eleitoral recortadas de outras situações de comunicação são ainda um recurso argumentativo que reitera a formulação dos simulacros sobre o oponente e seu projeto político:

(3)

Narrador *in off*: Corrupção é uma praga que tira a comida da mesa dos brasileiros, deixa pessoas nas filas da saúde e tira crianças da escola. O PT foi o responsável pelos dois maiores escândalos de corrupção da história: o Mensalão e o Petrolão. Até agora já foi comprovado o desvio de 47 bilhões de reais dos cofres públicos. O PT também inventou o Temer e juntos fizeram um estrago sem precedentes na nossa história. E, em sua propaganda, mentem, caluniam, inventam. O segundo poste de Lula age como um fantoche. Durante toda a sua campanha Haddad foi a Curitiba pedir a bênção do presidiário. Haddad foi o pior prefeito do Brasil e não conseguiu se reeleger. Responde a

ser por ele atacado e mortalmente ferido. A mesma monarquia, senhor, pode ser varrida para o canto entre o cisco das ideias estreitas e obsoletas. A liberdade e a propriedade, essas duas fibras sociais, cairiam desde já em desprezo ante os sonhos do comunismo” (SILVA, 2017, p. 62).

mais de 30 processos na Justiça. Haddad criou o kit gay e por mais que ele tente esconder, a gente mostra a verdade. Ouça seu secretário de alfabetização, quando ele foi Ministro da Educação.

Participante 3⁷ - secretário de alfabetização de Haddad: Um dos materiais didáticos, um dos filmes, tinha um beijo na boca. E a gente ficou...

Participante 4 - uma voz não identificada do auditório: Um beijo lésbico.

Participante 3 - secretário de alfabetização de Haddad: Um beijo lésbico na boca. E a gente ficou uns três meses discutindo até onde entrava a língua né. (Repetição da expressão: até onde entrava a língua né- com efeito de lentidão na fala) (Programa de encerramento da campanha eleitoral). [Vídeo 2]

Se predomina nos vídeos sob análise um funcionamento discursivo que produz um simulacro do candidato oponente, é possível identificar recursos argumentativos que introduzem, na cena enunciativa, a comunidade discursiva que se apresenta como saída para esse contexto ameaçador. A expressão “nossa pátria”, no enunciado “A semente de um projeto de doutrinação e domínio político foi plantada em nossa pátria” (cf. excerto 1), remete a uma cisão entre “nós/eu” e “eles”, explorada em outros vários enunciados:

(4)

Narrador *in off*: A nossa bandeira é verde e amarela. O nosso partido é o Brasil. [Vídeo 1]

(5)

Narrador *in off*: O objetivo deles é tomar o poder, soltar o presidiário, mudar a constituição e nunca mais sair. O povo acordou. PT não. Começa agora o programa do presidente livre e independente. Bolsonaro 17. [Vídeo 2]

(6)

Bolsonaro: Há quatro anos eu decidi disputar a Presidência da República. No primeiro momento, eu confesso, era difícil até para mim aquela situação. Como vencer um sistema? Como vencer uma máquina tão aferrada no terreno como é essa máquina que existe em Brasília? Políticos poderosos. Sabia que não teria um grande ou médio partido ao meu lado, não teria tempo de televisão, não teria fundo partidário, não teria nada. Hoje nós temos uma possibilidade concreta, real de ganharmos as eleições no próximo domingo. O que precisamos para tal? É nos mantermos unidos. Combater as mentiras, as fake News. Eu sou o contrário do que eles são. Eu sou uma ameaça aos corruptos. Meus irmãos, meus amigos, o momento é de união. Se essa for a vontade de Deus, estarei pronto para cumprir essa missão. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. [Vídeo 2]

⁷ Identificamos por “Participante” a inserção das vozes e/ou das imagens de pessoas nos vídeos da propaganda eleitoral em rádio e televisão. Identificamos a inserção desses participantes por meio da ordem de aparição no vídeo sob análise: Participante 1, Participante 2, Participante 3...

A complexidade da tessitura interdiscursiva na construção reiterada do simulacro de seu oponente se fundamenta no modo como o campo religioso se funde ao campo político e ao campo midiático. A introdução do tema religioso no texto do programa de abertura da campanha do segundo turno das eleições presidenciais se dá pela menção à atitude de gratidão a Deus pela vida e pelos votos recebidos no primeiro turno. Essa introdução se reitera com a assunção da verdade como atitude que constitui a virtude daquele que se candidata à Presidência da República e, por fim, se consolida no enunciado que faz parte da denominação da coligação partidária pela qual concorre o candidato e se torna também o *slogan* principal de toda a campanha eleitoral, enunciado que assume, portanto, o caráter de fórmula discursiva⁸:

(7)

Narrador *in off*: (aparecem imagens de Bolsonaro em passeatas e comícios em meio a muitas pessoas e sendo carregado por algumas delas) Começamos esta caminhada com uma simples palavra: gratidão. A Deus em primeiro lugar pela vida de Bolsonaro. Tentaram tirá-lo de combate, mas a determinação só aumentou. Gratidão pela votação no primeiro turno de milhões de brasileiras e brasileiros. Chegamos até aqui com a verdade, com opiniões firmes e com Deus acima de tudo. [Vídeo 1]

(8)

Voz de Bolsonaro (como narrador): Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. [Vídeo 1]

Esse enunciado, que ocupa lugar central na cena englobante eleitoral, é um enunciado que presentifica no texto enunciações anteriores no campo discursivo político, relativo a um posicionamento nacionalista. O enunciado “Brasil acima de tudo!” é o lema da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército Brasileiro. Também remete, segundo Cavalcanti e Azevedo (2022), ao enunciado da propaganda nazista em língua alemã “Deutschland über alles”, que, segundo as autoras, em português, significa “Alemanha acima de tudo”. Trata-se, então, de relações interdiscursivas e intertextuais que Maingueneau (2005) postula como adesão a um *Thesaurus* de uma comunidade discursiva⁹. Articula-se a esse enunciado de viés nacionalista, o

⁸ Em Maingueneau (2006b, p. 72), a noção de fórmula é definida nos seguintes termos: “enunciados curtos, cujos significante e significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados”.

⁹ “Por sua enunciação, o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu alocutário são membros dessa comunidade, que eles são arrebataados em uma relação de tipo especular: o locutor cita aquilo que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e, mais amplamente, por todo membro da

enunciado que vincula o campo religioso a essa prática discursiva eleitoral, com uma estrutura sintática paralela ao primeiro: Deus acima de todos. Juntos, formam um único enunciado que, dado seu caráter de fórmula discursiva, funciona, conforme Maingueneau (2006b, p. 79), por meio do processo de sobreasseveração¹⁰:

- é relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significado e/ou do significante;
- está em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto, de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso;
- é tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero de discurso, do texto em questão: trata-se de uma *tomada de posição* no interior de um conflito de valores;
- implica um tipo de “amplificação” da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado. (grifos do autor)

A cena enunciativa constituída pela campanha eleitoral televisiva da coligação partidária “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, em planos discursivos distintos, por meio dos recursos argumentativos aqui destacados, funciona de modo a tecer, na contemporaneidade, os laços entre uma atuação política partidária e uma atuação religiosa moralizante, borrando mais uma vez os limites entre os campos religioso e político, deslocando a noção de laicidade do Estado.

A função religiosa moralizante aparece na cena enunciativa eleitoral, considerando-se os textos sob análise, por meio dos temas família e ateísmo. Em relação ao primeiro, a constituição de um candidato que se encaixa nos padrões patriarcais conservadores da configuração familiar:

(9)

Narrador *in off*. Jair Messias Bolsonaro. 63 anos. Casado com Michele Bolsonaro. Nascido no interior de São Paulo, serviu com muito orgulho o

comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento” (MAINGUENEAU, 2005, p. 78)

¹⁰ Há uma discussão que parece pertinente para esse momento da análise sobre a distinção entre os processos de sobreasseveração e aforização postulados por Maingueneau (2005). O autor afirma que “parece-nos preferível não confundir uma lógica de *sobreasseveração* – que faz aparecer uma seqüência sobre um fundo textual – e uma lógica de *aforização* (para ser exato, um *destaque aforizante*) que implica um tipo de enunciação totalmente diferente: uma outra figura do enunciador e do coenunciador, do estatuto pragmático do enunciado.” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 90, grifos do autor). No entanto, essa discussão não será levada a efeito neste artigo, em que optamos por apenas demarcar como recurso argumentativo na constituição da cena enunciativa a referência ao já dito, a uma memória discursiva na superfície textual. Não perderemos de vista, no entanto, em publicações posteriores, a necessidade de aprofundamento da discussão sobre as formas como esse já dito se incorpora à atualidade da enunciação.

Exército Brasileiro de 1971 a 1988. Bolsonaro é Pai de 5 filhos, 4 homens e seu xodó, a pequena Laura.

Bolsonaro: Educar um filho homem né, é fácil né. Vai jogar bola dá um carrinho nele, fala palavrão também. E quando vem uma mulher é diferente. Tá certo? É completamente diferente, né. Inclusive uma confissão né, eu já estava.. (silêncio, a câmera foca no rosto dele que começa a lagrimar). Eu já tinha decidido não ter mais filhos, estava vasectomizado e havia combinado isso com a minha esposa que já tinha uma filha, eu tenho uma enteada em casa. A minha esposa era mãe solteira. Ela falou até pela manutenção do casamento, né, que a realização de grande parte das mulheres é ter filhos, né. E eu fui no Hospital Central do Exército, desfiz a vasectomia. Mudou sim, muito a minha vida com a chegada da Laura que eu agradeço a Deus e a minha esposa por ela.

Participante 5 - Laura (filha de Bolsonaro): Te amo

Bolsonaro: háháhá...E o beijo como é que fica. Valeu pessoal! um abraço em todo mundo aí! [Vídeo 1]

Por sua vez, em relação ao oponente, a referência a ações que ameaçam essa concepção familiar patriarcal, conforme destacado no excerto 3, anteriormente reproduzido.

Em relação ao tema ateísmo, recorre-se a uma afirmação categórica sobre os candidatos oponentes e um julgamento decorrente desse simulacro:

(10)

Narrador *in off*: Haddad e Manuela são ateus. Na eleição desrespeitam a fé do povo brasileiro indo a missas e cultos.

Participante 5- Manuela Dávila: Brasileiros que não são cristãos como eu, né. [Vídeo 2]

Considerando-se que o posicionamento discursivo assumido pela candidatura da coligação partidária “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” fundamenta-se na fusão entre os campos político, midiático e religioso, os posicionamentos divergentes no campo religioso são necessariamente interditados no campo político. Interditada-se a possibilidade do diálogo, dos encontros, das trocas, do respeito às divergências. O posicionamento divergente é considerado desrespeitoso à totalidade do povo brasileiro, incorporado, no e pelo enunciado, ao posicionamento assumido pela coligação partidária. A reprodução recortada da enunciação de Manuela Dávila, sem nenhum enquadramento do cotexto e do contexto originais em que a enunciação foi produzida, reitera o afastamento dos candidatos oponentes do posicionamento assumido pela coligação partidária, por meio do efeito das afirmações categóricas que geram automaticamente a exclusão de posicionamentos divergentes. A cena enunciativa por

meio da qual se realiza a campanha eleitoral é, portanto, uma cena que elabora, e ao mesmo tempo se fundamenta em, uma cenografia excludente. Excluem-se, no simulacro constituído acerca da disputa eleitoral, os posicionamentos divergentes no campo religioso e político dos candidatos oponentes assim como de toda uma parcela da população brasileira que também reivindique valores políticos e religiosos em oposição a um posicionamento patriarcal, conservador e restritivo.

Considerações finais

A constituição do simulacro de um projeto político ameaçador em relação ao qual os enunciadores se colocam frontalmente em oposição constitui também um posicionamento que persegue a homogeneidade da comunidade discursiva que a ele se alinha. Considerando esse caráter homogêneo, avesso à diversidade, é que pensamos em aprofundar a discussão sobre o processo de fusão entre os campos político, midiático e religioso, na campanha política da coligação partidária “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, assumindo como um terceiro fundamento desta pesquisa a teoria do espetáculo postulada por Guy Debord (1997).

Parece-nos relevante pensar nessa fusão entre os campos em termos de fusão discursivo-espetacular, em razão de justamente operar um funcionamento que homogeneiza e parece esforçar-se por rechaçar toda e qualquer possibilidade de um posicionamento divergente.

Conforme Ramos (2021), uma vez que as relações sociais são mediadas por imagens, o espetáculo se torna uma visão de mundo e se constitui no modelo atual da vida dominante que “molda as várias instâncias da sociedade: a economia, a política, a cultura, e, naturalmente, a religião. O espetáculo, assim, se apresenta como *instrumento de unificação*, plasmando uma cosmovisão comum” (RAMOS, 2021, p. 145).

Desse modo, a argumentação polêmica que a cena de enunciação instaura é também espetacular, uma vez que, conforme Amossy (2017), por causa da sua própria natureza, a polêmica se realiza como um espetáculo cuja raiz, na perspectiva de Debord (1997, p. 41),

[...] está no terreno da economia tornada abundante, e é de lá que vêm os frutos que tendem finalmente a dominar o mercado

espetacular, apesar das barreiras protecionistas ideológico-políciais, e de qualquer espetáculo local com pretensão autárquica.

Defendendo que essa fusão entre campos se consolida por um funcionamento discursivo-espetacular, buscamos tecer entre os fundamentos dos estudos do discurso e os fundamentos filosóficos o percurso que nos permita alcançar a compreensão dos processos sócio-históricos em questão.

Apresentam-se, então, como desafios futuros investigar como o espetáculo integra essa prática discursiva e de que modo ele corrobora para legitimar a cena englobante, isto é, os tipos de discursos constantes dessa fusão discursiva que carregam uma dada visão de mundo conservadora, nacionalista, totalitária e excludente.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *Argumentação no discurso*. Coordenação de tradução Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira, Tradução Angela Maria da Silva Corrêa. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Tradução Angela Maria da Silva Corrêa. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan/jun. 2017.
- CAVALCANTI, Cristiane Renata da Silva; AZEVEDO, Nádia Pereira Gonçalves de. O movimento parafrástico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” X “Deutschland Über Alles”. *Policromias – Revista do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-64, jan.-abr. 2022.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Org.). Trad. Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discursos constituintes. In: *Cenas da enunciação*. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva *et al.* Curitiba: Criar Edições, 2006a.
- MAINGUENEAU, Dominique. Citação e Destacabilidade. In: *Cenas da enunciação*. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva *et al.* Curitiba: Criar Edições, 2006b.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de hiperenunciador. *Revista Polifonia*. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiros. Cuiabá: EDUFMT, nº 10, 2005, p. 75-97.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3ª Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

RAMOS, Luiz Carlos. A sociedade do espetáculo e o discurso religioso. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, vol. 13, n. 2, p. 141-154, 2008.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2 ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTI, Vilso Junior; BAPTAGLIN, Leila Adriana. A midiatização não existe: digressões possíveis da teoria da comunicação. In: PORTO JR. et al (Orgs). *Media effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo*, Vol. 1: Teorias do agendamento, priming e framing [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi /Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

SILVA, Juremir Machado da. *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 1 - ABERTURA DA CAMPANHA EM 12/10/2022

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2URPjcmGn30>

Locutor in off [enquanto o Locutor fala, surgem vídeos/imagens da queda do muro de Berlim e após, um vídeo de Lula no Foro de São Paulo e diversas imagens com vários atores políticos da América Latina, como Fidel Castro, Hugo Chaves, Nicolas Maduro, Evo Morales]: São Paulo, julho de 1990. O mundo ainda comemorava a queda do muro de Berlim, a Europa se libertava de um marco do comunismo. Enquanto isso na América Latina, um encontro selava a criação do Foro de São Paulo, um grupo político com viés ideológico comunista de esquerda, liderado por Lula e Fidel Castro. A semente de um projeto de doutrinação e domínio político foi plantada em nossa pátria. As consequências estão sendo sentidas quase 20 anos depois.

Voz do Lula [surge uma imagem de Lula ao microfone onde é escrito o que ele fala]: E nós fomos criando uma consciência na esquerda da América Latina, e hoje todos aqueles que participaram do Foro de São Paulo chegaram ao poder.

Locutor in off [Imagens de Cuba e Venezuela, a seguir, de Lula, Dilma e Haddad juntos quando seus nomes são pronunciados, e, posteriormente, imagens de José Dirceu e Antonio Palocci quando foram detidos]: Cuba é o país mais atrasado do mundo. A Venezuela está devastada. O Brasil, governado pelo PT durante 13 anos, está em sua maior crise ética, moral e financeira da história. Estamos à beira de um abismo. A corrupção é uma chaga, a violência assusta as nossas famílias e o desemprego tira a esperança de milhões de brasileiros como na Venezuela, tão admirada por Lula, Dilma e Haddad. Fizeram de Brasília um balcão de

negócios, e muitos deles já estão presos, mas o vermelho jamais foi a cor da esperança. O vermelho é um sinal de alerta para o que não queremos para este país.

Participante 1- Jorgina Alves: Eu acho um absurdo um presidiário... Se ele tá preso, ele é tão bandido como qualquer outro.

Participante 2 - Leonardo Perfeito: A maioria dos chefes do tráfico comanda o morro através da... de dentro da prisão. O Haddad vai ser só um bonequinho que você compra em alguma feirinha, e o Lula vai ser o cabeça de tudo.

Participante 3 - Mônica de Jesus: Sou mulher, sou negra e, acima de tudo, brasileira. Vamo mudar esse país! Chegou a hora! Só depende da gente!

Participante 4 - Homem não identificado: PT nunca mais.

Locutor in off: A nossa bandeira é verde e amarela. O nosso partido é o Brasil.

Locutor in off: [aparecem imagens de Bolsonaro em passeatas e comícios em meio a muitas pessoas e sendo carregado por algumas delas] Começamos esta caminhada com uma simples palavra: gratidão. A Deus em primeiro lugar pela vida de Bolsonaro. Tentaram tirá-lo de combate, mas a determinação só aumentou. Gratidão pela votação no primeiro turno de milhões de brasileiras e brasileiros. Chegamos até aqui com a verdade, com opiniões firmes e com Deus acima de tudo.

Locutor in off: Jair Messias Bolsonaro. 63 anos. Casado com Michele Bolsonaro. Nascido no interior de São Paulo, serviu com muito orgulho o Exército Brasileiro de 1971 a 1988. Bolsonaro é Pai de 5 filhos, 4 homens e seu xodó, a pequena Laura.

Bolsonaro: Educar um filho homem né, é fácil né. Vai jogar bola dá um carrinho nele, fala palavrão também. E quando ver uma mulher é diferente. Tá certo? É completamente diferente, né. Inclusive uma confissão né, eu já estava.. (silêncio, a câmera foca no rosto dele que começa lagrimar). Eu já tinha decidido não ter mais filhos, estava vasectomizado e havia combinado isso com a minha esposa que já tinha uma filha, eu tenho uma enteada em casa. A minha esposa era mãe solteira. Ela falou até pela manutenção do casamento, né, que a realização de grande parte das mulheres é ter filhos, né. E eu fui no Hospital Central do Exército, desfiz a vasectomia. Mudou sim, muito a minha vida com a chegada da Laura que eu agradeço a Deus e a minha esposa por ela.

Participante 5 - Laura (filha de Bolsonaro): Te amo

Bolsonaro: háháháhá...E o beijo como é que fica. Valeu pessoal! um abraço em todo mundo aí!

Locutor in off: No Congresso Nacional, Bolsonaro tem orgulho de dizer que nunca fez conchavo, nunca manchou seu nome ou a sua honra. Bolsonaro é honesto, raridade hoje em dia na política. Firme, sempre defendeu os valores da família e foi voz forte e dura nos momentos em que o país mais precisou. Chegou a hora de o Brasil se unir, virar a página do passado que não queremos de volta e eleger um presidente que vai fazer essa nação crescer e melhorar de verdade a sua vida.

Bolsonaro: Precisamos sim de políticos honestos e patriotas. E mais do que tudo, o governo que saia do cangote da classe produtora. Temos certeza que dessa forma seremos uma grande nação.

Voz de Bolsonaro [como Locutor]: Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

Bolsonaro [no palanque]: Muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 2 - EXIBIDO DIA 25 DE OUTUBRO DE 2018

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7BcH9oJjok> 25 de Out. 2018 (último acesso 20.11.2020)

Locutor in off: No Brasil, morrem assassinados todos os anos mais de 60 mil pessoas. É um Maracanã lotado. Violência e desemprego são resultados da prática em que o PT se tornou especialista no Brasil: Corrupção.

Participante 1 - Antonio Palochi: O Dr. Emílio Odebrecht fez uma espécie de pacto de sangue com o presidente Lula. Ele disse ao presidente Lula que tinha à disposição dele pro próximo período, para fazer as atividades políticas dele, 300 milhões de reais.

Participante 2 -Mônica Moura, apresentada como Marqueteira do PT: Nós fomos convidados, o João foi convidado para fazer a campanha à Prefeitura de São Paulo do Fernando Haddad... Dos 50 milhões totais da campanha, foi 30 em contrato e 20 milhões de reais não oficial, por fora em dinheiro.

Locutor in off: Corrupção é uma praga que tira a comida da mesa dos brasileiros, deixa pessoas nas filas da saúde e tira crianças da escola. O PT foi o responsável pelos dois maiores escândalos de corrupção da história: o Mensalão e o Petrolão. Até agora já foi comprovado o desvio de 47 bilhões de reais dos cofres públicos. O PT também inventou o Temer e juntos fizeram um estrago sem precedentes na nossa história. E, em sua propaganda, mentem, caluniam, inventam. O segundo poste de Lula age como um fantoche. Durante toda a sua campanha Haddad foi a Curitiba pedir a bênção do presidiário. Haddad foi o pior prefeito do Brasil e não conseguiu se reeleger. Responde a mais de 30 processos na Justiça. Haddad criou o kit gay e por mais que ele tente esconder, a gente mostra a verdade. Ouça seu secretário de alfabetização, quando ele foi Ministro da Educação.

Participante 3 - secretário de alfabetização de Haddad: Um dos materiais didáticos, um dos filmes, tinha um beijo na boca. E a gente ficou...

Participante 4 - uma voz não identificada do auditório: Um beijo lésbico.

Participante 3 - secretário de alfabetização de Haddad: Um beijo lésbico na boca. E a gente ficou uns três meses discutindo até onde entrava a língua né. (Repetição da expressão: até onde entrava a língua né- com efeito de lentidão na fala)

Locutor in off: Haddad e Manuela são ateus. Na eleição desrespeitam a fé do povo brasileiro indo a missas e cultos.

Participante 5- Manuela Dávila: Brasileiros que não são cristãos como eu, né.

Locutor in off: Agora, Haddad propõe mudar a constituição assim como Maduro fez na Venezuela. O judiciário brasileiro foi duramente ameaçado por líderes petistas. Veja:

Participante 6 - Waldih Damous, deputado do PT: Tem que fechar o Supremo Federal.

Participante 7 - José Dirceu: No primeiro dia, tirar todos os poderes do Supremo e ser só Corte Constitucional.

Participante 8 - Roberto Requião, ex-governador do Paraná: Ou o Supremo manda soltar Lula ou o Supremo não existe mais.

Locutor *in off*: O PT deixou obras inacabadas por todo o Brasil, principalmente na região que mais precisa: o Nordeste. Com o dinheiro público que o PT usou para financiar ditaduras de esquerda em outros países, a região hoje viveria uma outra realidade.

Participante 9 - Laís Carine Lima: Eu acho que a gente já viveu tempo demais escravo do PT.

Locutor *in off*: As nuvens sobre o PT pairam não é de hoje. Quem matou o ex-prefeito de Santo André, Celso Daniel?

Participante 10 -Mara Gabrile, Deputada. Federal: Que este mesmo ex-presidente Lula que eles disseram que tanto lutou pelo povo, é o mesmo ex-presidente que mandou extorquir empresários na cidade de Santo André. E desse esquema todo o que surtiu foi o brutal assassinato do prefeito Celso Daniel.

Locutor *in off*: O objetivo deles é tomar o poder, soltar o presidiário, mudar a constituição e nunca mais sair. O povo acordou. PT não. Começa agora o programa do presidente livre e independente. Bolsonaro 17.

Bolsonaro: Há quatro anos eu decidi disputar a Presidência da República. No primeiro momento, eu confesso, era difícil até para mim aquela situação. Como vencer um sistema? Como vencer uma máquina tão aferrada no terreno como é essa máquina que existe em Brasília? Políticos poderosos. Sabia que não teria um grande ou médio partido ao meu lado, não teria tempo de televisão, não teria fundo partidário, não teria nada. Hoje nós temos uma possibilidade concreta, real de ganharmos as eleições no próximo domingo. O que precisamos para tal? É nos mantermos unidos. Combater as mentiras, as fake News. Eu sou o contrário do que eles são. Eu sou uma ameaça aos corruptos. Meus irmãos, meus amigos, o momento é de união. Se essa for a vontade de Deus, estarei pronto para cumprir essa missão. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

Locutor *in off*: As reais intenções do PT ficam claras. Ouça.

Participante 11 (Voz de Lula): É o seguinte, meu filho, eu tô com a seguinte tese: é guerra viu. E... e quem tiver a artilharia mais forte ganha.